

SPPRJ – Os catorze fundadores.

Roberto Bittencourt Martins

Estamos hoje aqui reunidos, nesta comemoração do cinquentenário de nossa Sociedade, para homenagear seus fundadores: aqueles 14 psiquiatras que, fascinados pelo universo revelado pela psicanálise e conscientes da revolução terapêutica proporcionada por ela, se uniram para trazê-la a nosso meio. Tinham origens diversas, nascidos desde o Maranhão (Lyra) até o Rio Grande do Sul (Décio, Zenaira, Werneck), mas todos moravam e trabalhavam na então capital do país. Quase todos já se foram, mas estão aqui representados por alguns de seus familiares, os quais certamente conheceram – por vivência ou testemunho – o volume das dificuldades que eles tiveram de vencer na busca de uma formação psicanalítica séria, ordenada e profunda. Sendo eu próprio filho de dois fundadores de uma outra Sociedade (a Psicanalítica de Porto Alegre), presenciei e vivi também, desde a infância, as agruras e, felizmente, também as muitas satisfações sentidas por esses pioneiros que estabeleceram a psicanálise em nosso país. Assim, creio que posso avaliar a emoção da presença dos familiares, representantes que simbolizam nossos fundadores nesta mais do que merecida homenagem.

Como assinalai, quase todos os catorze fundadores já nos deixaram. Uma, porém, nos dá o enorme contentamento de tê-la conosco nesta noite por esse motivo ainda mais festiva. Lúcida, inteira, mantendo aguçada a criatividade que já produziu inúmeros trabalhos científicos desde “Consideraciones sobre um caso de esquizofrenia infantil” em 1949, faz seis décadas, portanto. Em sua memória privilegiada, convivem todos os nossos fundadores e as lembranças daqueles momentos certamente felizes de 1959, quando conseguiram alcançar os objetivos pelos quais tanto haviam lutado. É ela Dra. Marialzira Perestrello – para quem peço uma salva de palmas.

De um de seus muitos livros de poesia (“Barca Branca”), retiro um trecho que pode ilustrar esse reencontro com nossos

fundadores e com os momentos da criação da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Diz o poema “Morte? Vida?”

....”Os mortos não podem lembrar-se de nós”....

....”Nós sim, bem vivos,
nos recordamos deles,
pensamos neles,
e a eles nos dirigimos.
Os mortos continuam vivos
Em nós, para nós.” (1).

Vivos, portanto, também em todos nós, nesta Sociedade que instituíram para o desenvolvimento da psicanálise e para nosso aprendizado como psicanalistas:

Dr.Alcyon Baer Bahia	Dr.Luiz Werneck
Prof.Danilo Perestrello	Dr.Manoel Thomaz Moreira Lyra
Prof.Décio S. de Souza	Dra.Marialzira Perestrello
Prof.Edgard de Almeida	Dr.Mario Pacheco de Almeida Prado
Dr.Henrique Mendes	Prof. Pedro de Figueiredo Ferreira
Dra.Inaura Carneiro Leão	Prof. Walderedo Ismael de Oliveira
Dr.João Côrtes de Barros	Dra. Zenaira Aranha

Muito embora tenha convivido por bastante tempo com eles como discípulo e colega, recorro a outra das facetas de Dra. Marialzira, a de reconhecida pesquisadora da história da psicanálise no Brasil, para refazer de modo breve alguns dados sobre nossa constituição como Sociedade. E, nesta rápida síntese, seguirei os passos de seu livro “História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro – Suas Origens e Fundação” (2). Como veremos, a criação de nossa Sociedade exigiu muito suor, algumas lágrimas e até mesmo sangue.

Nossos catorze fundadores eram provenientes de vários estados do Brasil (três gaúchos, dois pernambucanos, dois paulistas, dois cariocas, um fluminense, um maranhense, um mineiro, um baiano e um paraibano), mas formados, onze deles, na Faculdade Nacional de Medicina. Estavam, à época

da fundação, a maioria na faixa dos quarenta anos, alguns na dos cinqüenta. Por diferentes caminhos haviam chegado à psicanálise. Um deles, João Côrtes de Barros, o mais velho, havia mesmo chegado a conhecer Freud durante uma viagem à Europa em 1929 ou 30. O encontro, casual, num navio, foi rápido, mas Freud interessou-se pelos objetivos do jovem neuro-psiquiatra, que fora aperfeiçoar-se num curso em Paris, e quis também saber coisas sobre o Brasil. (3).

Naquelas décadas, a psicanálise no Rio de Janeiro ainda seria representada por analistas autodidatas, como o neuropsiquiatra Porto-Carrero, que procurou exercê-la com seriedade e divulgá-la em vários livros. Mas, já em meados da dos anos quarenta, alguns psiquiatras, muitos deles trabalhando no Serviço Nacional de Doenças Mentais, insatisfeitos com as diretivas psiquiátricas então dominantes, terminam por fundar um centro de debates, o Centro de Estudos Juliano Moreira em 1944. Entre seus fundadores, estavam Danilo Perestrello e Walderedo Ismael de Oliveira, aos quais vieram juntar-se, entre muitos outros, Marialzira Perestrello, Mário Pacheco de Almeida Prado e José Leme Lopes. Vários deles, estudiosos e entusiastas da obra de Freud, perceberam a necessidade de um tratamento analítico e de um conhecimento da psicanálise bem sedimentado – e também que, para tal, teriam dois caminhos. O primeiro seria chamar um analista estrangeiro já didata para vir ao Rio ensinar e analisar. Tentaram segui-lo, convidando analistas da Argentina. Arnaldo Rascovsky e Angel Garma, fundadores da Associação Psicanalítica Argentina, vieram para ministrar conferências, mas, não aceitaram os convites de mudança para o Brasil. Garma indicou o húngaro Georg Gerö, autor de um famoso trabalho “A construção da depressão” (de 1936) (3), que, contatado, terminou por declinar da vinda – assim como fariam, mais tarde o francês Daniel Lagache e a austro-argentina Marie Langer. Um segundo caminho, bem mais trabalhoso, dispendioso e então difícil, seria o de mudar-se para o estrangeiro.

Essa é a opção tomada por Alcyon Bahia, também psiquiatra do Serviço Nacional de Doenças Mentais e autor já de um livro “Esboços de Psicanálise” (1945) - com um dos ensaios dedicado

a “Vestido de Noiva” de Nelson Rodrigues, obra teatral recente na ocasião, numa reflexão psicanalítica em torno das fontes da criação artística (4). Alcyon Bahia parte para Buenos Aires em 1945, onde começa sua formação analítica. O casal Perestrello e Walderedo Ismael de Oliveira seguem o mesmo caminho em 1946 e 47. E, na Associação Psicanalítica Argentina, conseguem enfim suas análises, supervisões e seminários com Cárcamo, Garma, Marie Langer, Pichon-Rivière, Arminda Aberastury, os irmãos Rascovsky, a nata dos pioneiros da Argentina. Quando regressarem ao Rio, em 1949 e 50, os quatro serão considerados “o grupo argentino”, um dos três grupos que mais tarde se reunirão para fundar nossa Sociedade.

Enquanto isso, aqui no Rio, em 1947, outro grupo, liderado por Domicio Arruda Câmara, e do qual fazem parte, entre outros, João Côrtes de Barros e Luiz de Lacerda Werneck, após alguma correspondência com Ernest Jones, presidente da Associação Psicanalítica Internacional, alcança uma resposta favorável. Como relata nossa historiadora Marialzira, Jones escreve: “Depois da última carta tive a agradável surpresa de saber que um dos nossos analistas está bastante imbuído de espírito pioneiro. Seu nome é Mark Burke.”(5). O grupo funda então o Instituto Brasileiro de Psicanálise e em fevereiro de 1948, Burke, analista inglês de origem polonesa, chega à cidade e começa seu trabalho com doze colegas. Alguns deles não chegarão a ser analistas, outros falecerão antes do final da formação, mas cinco deles – João Côrtes de Barros, Luiz da Lacerda Werneck, Mário Pacheco de Almeida Prado e Pedro de Figueiredo Ferreira integrarão o chamado “grupo de Burke”. Manoel Thomaz Moreira Lyra e Edgard Guimarães de Almeida, que também iniciam suas análises com Burke, partirão depois para a Inglaterra. Também indicado por Jones para o Instituto Brasileiro de Psicanálise desembarca no Rio, em fins de 48, Werner Kemper. Supervisões e seminários dos dois analistas europeus são freqüentados pelos alunos do Instituto, acrescidos agora dos analisandos de Kemper. Em 1951, ocorre, porém, grave cisão entre os dois subgrupos. Aqueles que permanecem no grupo de Kemper darão posteriormente origem à Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (Rio 1). O “grupo de

Burke” tentará a vinda de outra analista, a húngara Dra. Lieberman, cujo fim seria trágico: morta, com seu marido, quando tentava atravessar a fronteira da Hungria. Os alunos então se voltam para soluções mais simples e convidam analistas como Frank Philips (de São Paulo) e o argentino Rodrigué para dar seminários sobre Klein, Rosenfeld, Paula Heimann e Segal no Rio. E, nas antevésperas do Congresso de Londres em 1953, assistem seminários de Balint, Rosenfeld, Winnicott, Masud Khan e outros.

É no final de 1953 que Burke dá por encerrada sua missão e volta para a Inglaterra. Três de seus candidatos seguem também, buscando continuar a formação na Sociedade Britânica. Arruda Câmara se analisa com Bion, Lyra com Paula Heimann e Edgard de Almeida com Balint. Em Londres encontram o Professor de Psiquiatria da Universidade do Rio Grande do Sul, Décio Soares de Souza, que lá fazia sua formação, estando em supervisão com Melanie Klein. E, ainda, Henrique Mendes, já membro da Sociedade de São Paulo, que, após sua análise com Adelheid Koch, fazia sua reanálise com Eve Rosenfeld e, ao regressar, fixaria residência no Rio. Décio, voltando ao Brasil, viria morar no Rio. Ele, Lyra e Mendes seriam informalmente conhecidos como “o grupo inglês”.

Em maio de 1957, os três “grupos” se reúnem. Criam o Grupo de Estudos do Rio de Janeiro, com o necessário patrocínio da Sociedade Brasileira de São Paulo (primeira Sociedade reconhecida pela A.P.I. no Brasil, em 1951, no Congresso de Amsterdã). Em agosto, durante o XX Congresso, em Paris, o Grupo de Estudos é reconhecido pela A.P.I. Seus estatutos vão sendo elaborados e são aprovados em 7 de outubro de 1957. Em 15 de outubro é realizada a primeira Assembléia Geral Ordinária, sendo eleita Presidente a Dra. Marialzira. Em 1958, Inaura Carneiro Leão e Zenaira Aranha, deixam a Sociedade Psicanalítica (Rio 1) e são aceitas no Grupo de Estudos. E, em abril de 1959, a primeira turma de nove candidatos (Ana Elisa Mercadante, Arlindo Fraga, Jayme Salomão, José Cândido Bastos, Lino de Mello e Silva, Lourival Coimbra, Maria Luiza Pinto, Waldemar Zuzman e Yara Lansac)) começa a cursar seus seminários, inicialmente como uma “extensão, no Rio de Janeiro, do Instituto de Psicanálise da

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.” (5). Logo depois, no XXI Congresso da A.P.I. em Copenhague, a 28 de julho de 1959, o Grupo de Estudos é reconhecido como Sociedade – e esse é o cinquentenário que estamos comemorando. Presidido então por Côrtes de Barros, seus componentes elaboram seu estatuto como entidade jurídica de acordo com as leis brasileiras. O registro é aceito em 14 de março de 1960 e Côrtes de Barros, que presidia o Grupo de Estudos, é reeleito, sendo assim o primeiro presidente da Sociedade recém-fundada.

Graças ao esforço de tantos, todos nós das gerações seguintes pudemos aprender e realizar nossas formações, das quais, segundo desejamos, incontáveis pessoas se terão beneficiado ao longo desses cinquenta anos. Certamente outros colegas, tão ou mais antigos do que eu, como José Cândido Bastos, Maria Luiza Pinto, Mara Salvini, José Carlos Carpilovsky, poderão trazer-nos seus depoimentos sobre nossos fundadores. A mim, o que impressiona em suas biografias é o conjunto de curiosidade, inquietação intelectual e dedicação à psicanálise – como teoria científica, método terapêutico, aplicação aos grupos humanos e à cultura, e também na indispensável administração de suas instituições. Em seus currículos, são freqüentes os primeiros lugares em concursos públicos, os estágios em hospitais conceituados como a Salpêtrière, a Clínica Mayo, o John Hopkins, a Tavistock Clinic, o Serviço de Pichon-Rivière no Las Mercedes de Buenos Aires, a Tamarineira de Ulisses Pernambucano no Recife. Professores exponenciais como Décio de Souza utilizaram sua experiência didática para dirigir nosso Instituto e trouxeram para cá, assim como Marialzira, a análise infantil de Melanie Klein. Bahia introduziu o primeiro grupo terapêutico no Brasil e depois as idéias de Bion no Rio. Walderedo no Instituto de Psiquiatria difundiu a pesquisa psicanalítica e a grupoterapia analítica e, no ensino do Instituto da Sociedade, principalmente as contribuições freudianas à antropologia – bem expressas em seu exame dos mitos de Orestes e da Torre de Babel. Danilo Perestrello, desde a Nona Enfermaria da Santa Casa, estabeleceu a Medicina Psicossomática entre nós e trouxe a ela sua contribuição

original como Medicina da Pessoa. Inaura, com seu devotado entusiasmo revelou-nos a Psicologia do Self; ligada também à literatura, publicou livros de poesia, o primeiro dos quais, – “Sonhos e Realidades” - já em 1941. Em seminários, artigos e livros, Pacheco desenvolveu suas concepções kleinianas. Também dentro de uma orientação teórica Kleiniana, Côrtes escreveu artigos de viés sobretudo clínico; buscou exercer seu espírito mineiro moderador na administração da sociedade e, já quase centenário, devido à sua condição física, teve de subir apoiado em braços amigos até este auditório para apresentar seu último trabalho. Lyra, Mendes, Zenaira e Werneck se dedicaram sobretudo à clínica, sendo que os três primeiros foram responsáveis pela formação, seja na análise, seja na supervisão, de várias gerações de analistas. Pedro Ferreira postou-se mais à distância dos labores da Sociedade, mas contou sempre com a admiração daqueles que trabalhavam nos serviços que dirigiu.

Felizmente, nem é preciso mencionar a contribuição multifacetada de Marialzira. Nós a temos aqui conosco. Esse aporte vai desde os tempos heróicos do Centro de Orientação Infantil no Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil até seus atuais estudos sobre o envelhecimento, sobre a personalidade cultural de Freud, sobre a criação artística, sobre a História da Psicanálise – além de tantos livros de poesia, ensaios, romance... De suas valiosas obras sobre nossa história, tomei emprestado os dados que me pareceram mais significativos para esse rápido rascunho a respeito da fundação de nossa Sociedade. Sem idealizações, mas procurando seguir o poeta Álvaro Moreyra –“As amargas, não” -, penso que dedicação, perseverança, cultura e espírito de liderança foram alguns dos melhores atributos de nossos fundadores. E procurei obedecer à mesma orientação de Marialzira em sua História da S.B.P,R.J., Invocando Cervantes na determinação de manter-se dentro do caminho da verdade, sem a influência de paixões, medos ou rancores, nossa incansável fundadora oferece, com objetividade, seu testemunho na Introdução de seu livro sobre nossa história:

“Passamos –os pioneiros – por tantos períodos conflituosos! Horas de desânimo e de esperança; de fracasso e de êxito.

Horas de competição, talvez de inveja, e horas de paz e harmonia. Apesar de tudo – creio eu – sempre existiram momentos de esforço, de luta construtiva”

Dra. Marialzira traz também a reflexão, que podemos todos compartilhar:”Desde a fundação, tantos caminho percorridos de paradas e avanços, de regressão e progresso. De evolução.”....(6).

Evolução essa que ela continua a augurar-nos e que todos desejamos para nossa Sociedade. E, para finalizar, nosso muito obrigado, nosso agradecimento, portanto, a todos aqueles que tanto lutaram para construí-la, os Fundadores, muitos de cujos familiares temos o prazer e a honra de receber hoje aqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS –Notas.

- 1) PERESTRELLO, M. A Barca Branca. Rio de Janeiro: Nova Razão Cultural Editora, 2007. Pág. 42.
- 2) PERESTRELLO, M. (Organização) História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro – Suas Origens e Fundação. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987.
- 3) GERÖ, G. La construcción de la depresión, 1936. In Psicoanálisis de la Melancolia. Organización de Angel Garma e Luis Rascovsky. BuenosAires: Asociación Psicoanalítica Argentina Editora, 1948. Pág.285-331.
- 4) BAHIA, A.B. Esboços de Psicanálise. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio Ed., 1945.
- 5) PERESTRELLO, M. Obra citada. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987. Pág. 57.
- 6) PERESTRELLO, M. Obra citada. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1987. Pág. 11.

Rio, 2 de outubro de 2009

Roberto Bittencourt Martins